

Apresentação

Nas chamadas ciências humanas, incluídos neste vasto campo os saberes e teorias sobre a linguagem e/ou a literatura, certos conceitos-chave permitem agregar outros, desfazendo os limites de pequenos “nichos” de conhecimento. Um dos domínios conceituais mais produtivos e agregadores no âmbito dos Estudos Clássicos, das décadas passadas até nossos dias, tem sido o da Recepção, tal como desenvolvido por teóricos de várias origens.

Nós o exemplificamos, aqui, com as colocações já reconhecidas e consolidadas de Lorna Hardwick (2003, p. 2), para a qual é preciso diferenciar a visada antes oferecida, sobre os autores greco-latinos e sua sobrevivência nas artes de distintas Eras, pela noção de Tradição Clássica e aquela, propriamente, de uma Recepção Clássica. Então, enquanto as análises pelo viés da Tradição Clássica enfatizavam sobretudo a suposta “influência” dos modelos greco-romanos sobre a literatura ou outras produções dos tempos subsequentes (como se tais modelos apenas se acolhessem passivamente), é inerente ao conceito de Recepção que apropriar-se do Antigo implica por força em ressignificá-lo:

Uma vertente na erudição Clássica tem sido o que se chamou de “Tradição Clássica”. Ela estudou a **transmissão e disseminação** da cultura Clássica através dos tempos, geralmente com ênfase na influência de escritores, artistas e pensadores Clássicos em movimentos intelectuais subsequentes e obras individuais. Nesse contexto, a linguagem usada para descrever tal influência tendia a incluir termos como ‘legado’. (HARDWICK, 2003, p. 2, grifo nosso, tradução nossa)¹

¹ “One strand in classical scholarship has been what was called the classical tradition. This studied the transmission and dissemination of classical culture through the ages, usually with the emphasis on the influence of classical writers, artists and thinkers on subsequent intellectual movements and individual works. In this context, the language which was used to describe this influence tended to include terms like ‘legacy’”.

A apropriação das práticas, atitudes e valores da sociedade camponesa grega pela extrema direita **moderna** ou dos prédios públicos, emblemas e propaganda dos romanos pelos construtores de impérios e regimes totalitários atua como um aviso terrível dos efeitos funestos da adulação acrítica de qualquer cultura. (HARDWICK, 2003, p. 3, grifo nosso, tradução nossa)²

Um caso extremo de ressignificação da arte e da cultura clássicas com fins mortíferos diz respeito à encenação montada pelo Terceiro Reich durante os jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. De fato, a partir de toda uma retórica em que se promovia a manutenção do vigor físico, estético e espiritual da suposta “raça ariana”, os nazistas tentaram apropriar-se em seu benefício dos ideais gregos de beleza e virilidade (CORNELSEN, 2006, p. 204). Isso envolveu, além da emissão de juízos, efetivas realizações plásticas “helenizantes” nas artes do período, sendo as esculturas do *Reichssportfeld* diretamente alusivas às estátuas “de deuses e heróis”, bem como àquelas “dos vencedores olímpicos, reis e generais” que havia em Olímpia, na Antiguidade (CORNELSEN, 2006, p. 207).

Além de boa dose de criticidade, que liberta os críticos da percepção ingênua de terem as realizações artísticas do mundo Antigo, sempre, “legado belos frutos”, a visada por meio da Recepção Clássica, dizíamos, permite agregar e refletir conjuntamente sobre conceitos – tais como a intertextualidade e a tradução –, de outro modo, estanques em suas próprias esferas. Assim, após esclarecer que os estudos de Recepção podem basicamente focalizar “os processos envolvidos ao selecionar, imitar ou adaptar obras antigas” ou “como a Recepção [da Antiguidade] é descrita, analisada ou avaliada” (HARDWICK, 2003, p. 5), Hardwick enumera alguns pontos caros a essa teoria.

Entre eles, encontraríamos a “aculturação”, a “adaptação”, a “apropriação”, as “correspondências” – entre obras distintas –, o “diálogo”,

² “Appropriation of the practices, attitudes and values of the Greek peasant society by the modern far right or of the public buildings, emblems and propaganda of the Romans by empire-builders and totalitarian regimes acts as an awful warning of the unloved effects of uncritical adulation of any culture”.

a “refiguração” e a própria “tradução” (HARDWICK, 2003, p. 9-10). Pontos como as “correspondências”, o “diálogo” e a “refiguração” permitem que situemos as discussões teóricas em torno da Intertextualidade também internamente à visada da Recepção Clássica, pois os filólogos clássicos e, em seguida, os estudiosos do intertexto sempre estiveram às voltas com a busca de parencas (linguísticas, construtivas, poéticas, alusivas etc.) entre obras distintas (PRATA, 2002, p. 36).

Ademais, desde o surgimento do termo Intertextualidade na obra da semióloga Julia Kristeva, as relações entre semelhante conceito e o dialogismo foram patentes, inclusive afirmando ela que

o dialogismo bakhtiniano designa a escritura simultaneamente como subjetividade e como comunicatividade, ou melhor, como **intertextualidade**; face a esse **dialogismo**, a noção de “pessoa-sujeito da escritura” começa a se esmaecer para ceder lugar a uma outra, a da ambivalência da escritura. (KRISTEVA, 2012, p. 145, grifo nosso)

Por sua vez, o ponto em nexa com a “refiguração” (entendida como “seleção e reelaboração de material de uma tradição prévia ou contrastante”), nos termos de Hardwick (2003, p. 10), aproxima a prática intertextual da tradutória, na medida em que ambos os processos envolvem escolhas de “material” pré-existente e a atribuição de nova roupagem e/ou sentidos a ele, no texto de chegada. No caso peculiar da tradução, um mesmo original poderia, ainda, receber tratamento “literal”, apenas “próximo”, “livre” etc. (HARDWICK, 2003, p. 10), evidenciando que não há nada de “neutro” ou automático nesse processo receptivo.

De fato, até quando os mesmos autores clássicos – Homero, Virgílio, Ovídio, Luciano, Sêneca – são retraduzidos em diferentes momentos histórico-culturais ou por diferentes tradutores, sente-se nos textos de chegada a marca indelével dos que os reinterpretem de acordo com os pressupostos e perspectivas de que puderam dispor. Ou seja, em cada gesto de (re)tradução receptiva, acrescenta-se um capítulo na história da leitura de tantas obras antigas que insistem em reinventar-se.

Os artigos contidos neste dossiê de *Nuntius Antiquus*, ocupados de observar aspectos tradutórios, intertextuais ou a específica elaboração

moderna de temas clássicos de modos renovados, poderiam todos vincular-se ao conceito genérico da Recepção Clássica. Simultaneamente, eles não se diluem na mesmice, pois diferem as obras ou autores comentados, os instrumentais teóricos em uso para esse fim, as épocas e/ou momentos histórico-culturais de produção dos objetos analíticos em foco, entre outros fatores.

Assim, os artigos aqui apresentados seguem estas múltiplas categorias de “revisão” ou meramente “revisitação” dos clássicos, seja para análise, estudos de processos, crítica, reflexão ou outros fins. Adriane da Silva Duarte, em contribuição chamada “As primeiras traduções brasileiras da *Lisístrata*: seu contexto e sua recepção”, explora as circunstâncias receptivas que envolveram o processo tradutório da comédia aristofânica referida para o português do Brasil, numa data relativamente recente (a partir dos anos 60 do século XX). Os dois tradutores de *Lisístrata* cujo fazer é destacado pela autora são Mário da Gama Cury (1964) e Millôr Fernandes (1968), de modo a explicitar que seus respectivos trabalhos não evitam adaptações nem alusões ao contexto sociopolítico da época de pós-golpe militar de 1964. Não por acaso, tais traduções/adaptações conheceram sucesso nos palcos dos teatros e diante do público leitor, suscitando debates em seu tempo e ainda hoje.

No artigo “Haroldo de Campos traduz Horácio: a transcrição em três cliques”, o autor Brunno Vinicius Gonçalves Vieira serve-se de uma metáfora do domínio informático (sua ideia dos “cliques” sobre *hiperlinks* da história literária) a fim de comentar o prestigiado trabalho tradutório de Haroldo de Campos (1929-2003), o qual “transcreveu” o lírico Quinto Horácio Flaco (séc. I a.C.) em momentos distintos de sua carreira. Desde a década de 70 do século XX até as de 80 e 90 do mesmo século, como evidenciam os sucessivos “cliques” do analista, Campos deu mostras, com a parte “Horaciana” de suas traduções, de ser capaz de “multiplicidade de escritura” e “capacidade de se renovar continuamente”.

Júlia Batista Castilho de Avellar conjuga a literatura latina e francesa em “Recepção de Ovídio por Christophe Honoré: a ousadia indecorosa das *Metamorphoses*”, recuperando comentários de Quintiliano

na *Institutio oratoria* e aplicando-os à releitura das *Metamorphoses*, de Ovídio, na transposição cinematográfica de Christophe Honoré (2014) realizada no filme homônimo. Segundo Avellar, “para além do conteúdo mitológico”, Honoré estrutura sua obra “com base em diversos procedimentos formais e poéticos da obra ovidiana”, ele, com procedimentos análogos aos de Ovídio, de modo requintado e ousado, rompe com as convenções de decoro de nossa própria época, propondo reflexões metapoéticas e igualmente metacinematográficas, “de modo a pensar criticamente a fluidez dos limites entre mundo, obra e tradição”.

Maria de Fátima Silva, em “A arte de reformular os mitos: Ivo de Castro Oliveira, *A família de Electra*”, detém-se ante a abordagem de Ivo de Castro Oliveira na reestruturação e manipulação do mito de Electra que resulta, em palavras da autora, em uma “combinação exótica” e singular que coloca lado a lado as famílias dos Atridas e dos Labdácidas. Electra é figura central, “mas são sobretudo as conexões familiares que importam”: dentro de uma muito peculiar flutuação do tempo dramático, Ivo de Castro Oliveira reformula o velho motivo da filha de Agamêmnon e Cliemnestra. Leitura instigante que abre horizontes de criação.

Já no viés da Recepção por meio da tradução, Matheus Trevizam demonstra, com base nas formulações teóricas de Antoine Berman (2007) aplicadas a um pequeno trecho das *Geórgicas* de Virgílio, como se comportam dois tradutores de renome, Manuel Odorico Mendes (1858) e António Feliciano de Castilho (1867). O artigo, intitulado “Duas traduções oitocentistas do ‘Canto de Proteu’, *Geórgicas* IV, 453-527”, segundo o autor, investiga o método escolhido para as análises, o qual “primeiro envolveu a delimitação de conceitos” a partir de Berman, “depois, a leitura comparativa e por amostragem das versões”. Os resultados obtidos evidenciam opções diferentes: no brasileiro, nota-se a preferência pela erudição e pela “adoção de procedimentos de latinização”, enquanto no português se percebe a valorização do vernáculo através de um padrão expressivo. No parecer de Trevizam, “o tradutor brasileiro adotou parâmetros mais acordados com a ideia de uma ‘tradução ética’ – ou capaz de evocar, sem servilismo, a Letra do original – que seu correlato lusitano”.

Em “Recepção e Intertextualidade: convergências e divergências”, como o próprio título indica, Paulo Sérgio de Vasconcellos segue viés teórico, não tanto analítico. O autor intentou, portanto, elucidar o que se deve entender pela Teoria da Recepção, desde as colocações de Hans Robert Jauss em sua aula inaugural na Universidade de Constança (1967). Em seguida, tratou dos conceitos de tradução e, sobretudo, intertextualidade, o qual não deixa de partilhar elementos com a Recepção, pois uma e outra dão “papel ativo ao leitor”; mas tais conceitos também divergem, tendo em vista que o exame de fatores externos a uma obra (circulação, número de edições etc.), por exemplo, concerne a Teoria da Recepção, não o estudo do intertexto.

O texto de Tatiana Chanoca também se dedica aos Estudos da Recepção em tradução e elege um outro ícone brasileiro em tradução de obra monumental: “Haroldo de Campos e a *Iliada* de Homero”, de modo delicado e incisivo, a partir de depoimentos e escritos do próprio Campos, reflete, aprecia e critica a tradução do ensaísta e poeta paulistano da *Iliada* para a língua portuguesa a fim de recuperar os passos de um processo tradutório propedêutico para outros tradutores futuros.

O artigo de Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa vem como recorte de pesquisa *in progress* e se propõe a “refletir sobre critérios fundantes nas análises das traduções, a saber, ‘fidelidade’ e ‘confiabilidade’, os quais são frequentemente tratados como conceitos absolutos”. A autora apresenta o que nomeia como “fidelidade à criatividade e à excelência poética” de Homero contra a fidelidade ao conteúdo na escrita descritiva de João Guimarães Rosa para o surgir da manhã, que, segundo Barbosa, recupera uma passagem de Homero (*Iliada*, 24, v. 785-788) a qual se serve da característica fórmula épica para o nascer da Aurora.

Eis portanto um novo dossiê que apresentamos com satisfação. Deseja-se, assim, conexo e rico percurso apreciativo aos leitores.

Os Organizadores,

Matheus Trevizam e

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Referências

CORNELSEN, Élcio Loureiro. Olímpia a serviço de Germânia: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim. *Classica*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 196-223, 2006.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. *In*: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. 3. ed. rev. e aum. São Paulo: Perspectiva, 2012. p. 145.

PRATA, Patricia. *O caráter alusivo dos Tristes de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I*. 2002. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.